



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10380 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA EM GOYAZ: O INTELLECTUAL ORGÂNICO NO  
LYCEU DE GOYAZ E O CLIENTELISMO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Fernanda Barros - UFG - Universidade Federal de Goiás

Lucas Lino da Silva - UFG/CAMPUS DE CATALÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA EM GOYAZ: O INTELLECTUAL ORGÂNICO NO LYCEU DE GOYAZ E O CLIENTELISMO DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

#### **RESUMO:**

Este trabalho discute a relação existente entre a formação proposta pela educação secundária no Lyceu de Goyaz no século XIX e as relações entre o clientelismo e a formação do intelectual orgânico na instituição. O problema desta pesquisa realizada a partir de desdobramento de pesquisas anteriores sobre a instituição é poder compreender como o clientelismo colaborou como para a formação do intelectual orgânico no Lyceu de Goyaz através das relações exercidas pelo poder local e o poder público, que mantinham a instituição. O objetivo é mostrar como o a clientelismo se estabelecia em Goyaz na Primeira República e afetava diretamente o Lyceu de Goyaz. A pesquisa situa-se no campo da História da Educação e traz como pressuposto teórico o conceito de intelectual orgânico gramsciano, que já é apresentado na literatura corrente como o tipo de intelectual formado pela instituição. A pesquisa é bibliográfica e documental e utilizou a documentação interna do Lyceu de Goyaz para determinar de que forma o poder público se relacionava como o poder local. Como resultado, pode-se afirmar que o clientelismo se apresentou como um desdobramento da política coronelística presente na Estado de Goyaz na primeira república, interferindo diretamente na educação secundária do Lyceu de Goyaz entre os anos da Primeira República.

Palavras-chave: Educação Secundária. Clientelismo. Coronelismo. Goyaz. Lyceu de Goyaz.

A população goiana tem características específicas no início do século XX, há uma elite local representada pelos proprietários de terras e junto a ela um grupo de famílias,

chamadas de correligionários, que exerciam poder político e econômico em algum ramo, seja comercial, político, nas profissões liberais ou como pequenos proprietários de terra. Essa organização social se desenvolveu de forma a formar um tipo de elite chamada de elite familiar, gerida em suas relações pelo coronelismo, que interferia diretamente nas relações políticas, educacionais, e geria o sistema de relações que se organizava na capital do estado.

O coronelismo goiano foi caracterizado, assim como o nacional, pelo poder de poucos coronéis, donos de latifúndios que exerciam controle sobre tudo o que corria na cidade e sobretudo geria as relações sociais travadas entre os locais, caracterizado como clientelismo, ou seja, a organização entre as relações do poder público e o poder local.

Caracterizadas pela seletividade e violação de princípios isonômicos, as relações de clientela tem como principal objetivo atender às demandas de uma classe local, representada por poucos indivíduos, dotados de poder político e/ou econômico, por meio de práticas que se caracterizavam pela relação direta entre o Estado e a sociedade.

As relações de clientela se desenvolvem tendo como base três pilares, o sujeito: representado pelo chefe do poder civil local, ou seja, o coronel nesse caso goiano; o Estado: representado pelos políticos locais e o móvel: que se baseia na ação, recurso ou status pretendido, neste texto, a educação secundária no Lyceu de Goyaz, que poderia o poder de intelectualidade aos filhos desses coronéis e seus correligionários (GRAMSCI, 1982, p. 11)

A consolidação de um sistema coronelístico se dá em decorrência de um contexto de fragilidade dos chefes locais, chamados de coronéis, que estabelecem relações com o poder público a fim de reestabelecer sua hegemonia. A essência desta relação consiste no compromisso de apoiar politicamente os candidatos nas eleições estaduais e federais, enquanto os representantes políticos concedem acesso privilegiado a cargos de alta patente.

Nessa relação coronelística em Goyaz na Primeira República, é possível observar como os filhos desses sujeitos, considerando a relação de clientela, se utilizaram do móvel Lyceu de Goyaz, mantido pelo estado, para a formação dos seus filhos que seriam os mantenedores da situação de clientelismo, a partir do momento que se tornavam os bacharéis ou simplesmente portadores do diploma de ensino secundário, chamados de intelectuais e que classificamos como intelectuais orgânicos.

O Lyceu de Goyaz de 1847 a 1960 apresentou características de ensino propedêutico e humanista. Tais aspectos podem ser vistos no seu currículo, não só na matriz curricular, mas nos objetivos traçados para a instituição. Nos seus regulamentos, que eram reformulados a cada mudança de legislação educacional nacional, os dirigentes da instituição deixavam claro que a missão do Lyceu era formar a elite de Goiás, um grupo de sábios que formariam uma classe de dirigentes do Estado.

Todas as características físicas e orgânicas do Lyceu serviam para referenciar uma classe de jovens que se destacavam de todo o restante pelo estudo de humanidades, que lhes proporcionaria uma nova roupagem na sociedade, a de intelectuais.

Conceituar o intelectual formado pelo ensino secundário do Lyceu é algo complexo, pois a visão comum que se tem de intelectual é a do intelectual erudito, de gabinete, ligado diariamente aos estudos teóricos. Intelectual vem do Latim *intellectuális*, relativo à inteligência. Na França do século XIX, o termo intelectual designava o conjunto dos cultos, protagonistas políticos com identidade definida; no contexto político da época, este grupo foi entendido como defensores intransigentes da liberdade e da justiça, ou como traidores da pátria e da nação (VIEIRA, 2008).

O mais notório é que o termo evidenciou a construção de um sentido que o relaciona à esfera política, à atividade cívica e à crítica do poder instituído.

Gramsci afirma em seus textos que

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a “área” escolar e quanto mais numerosos forem os “graus” “verticais” da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado (Gramsci, 1982, p. 9).

Em Goiás a realidade, de acordo com a afirmação acima, não era complexa no início do século XX, pois até 1929, só o Lyceu de Goyaz formava os intelectuais do Estado no ensino secundário. Após este ano, surgiram escolas de ensino secundário em cidades do interior que não tinham a pretensão de competir com o Lyceu, mas de completar as suas funções num território vasto como o de Goiás. O que nos permite afirmar que a elaboração do intelectual se restringia a um pequeno grupo de pessoas.

O Lyceu, porém, não é pioneiro na formação do intelectual, as ideias difundidas e ensinadas no Lyceu de Goyaz, são fruto de toda uma tradição de formação que se sobressai desde o século XIX na Europa. Observamos que o intelectual produzido por um grupo social é fruto de uma tradição, de acordo com a afirmação de Gramsci.

Cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou [...] categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (GRAMSCI, 1982, p. 5).

Goiás foi basicamente rural, pelo menos até meados do século XX, tal situação formou uma elite agrária, representante do lugar, e com raízes fundadas na tradição, principalmente na tradição familiar, de posse de terras, - nem sempre produtivas -, e de domínio político local. Este tipo de sociedade, segundo Gramsci forma o intelectual rural.

Os intelectuais de tipo rural são, em sua maior parte, “tradicionais”, isto é, ligados à massa social camponesa e pequeno-burguesa das cidades (notadamente dos centros menores), ainda não elaborada e movimentada pelos sistema capitalista: este tipo de intelectual põe em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliães, etc) e, por esta mesma função, possui uma grande função político-social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política (GRAMSCI, 1982, p. 13).

Outro intelectual presente em Goiás, segundo a classificação gramsciana, é o eclesiástico.

A mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos, que monopolizaram durante muito tempo (numa inteira fase histórica que é parcialmente caracterizada, aliás, por este monopólio) alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, isto é, a filosofia e a ciência da época, através da escola, da instrução, da moral, da justiça, da beneficência, da

O Lyceu uniu estas duas classes, dos eclesiásticos e dos latifundiários em torno de um objetivo, inserir os jovens goianos no cenário nacional, ligados tanto ao saber erudito, quanto ao saber político.

O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e conseguindo-se que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Além desse intelectual, o artista, o filósofo, o eclesiástico, a instituição goiana se mantinha firme em formar os profissionais liberais e os políticos que iriam representar Goiás no cenário político nacional.

Além disso: no campo, o intelectual (padre, advogado, professor, tabelião, médico, etc) possui um padrão de vida médio superior, ou, pelo menos, diverso daquele do médio camponês e representa, por isso, para este camponês, um modelo social na aspiração de sair de sua condição e de melhorá-la. O camponês acredita sempre que pelo menos um de seus filhos pode se tornar intelectual (notadamente padre), isto é, tornar-se um senhor, elevando o nível social da família e facilitando sua vida econômica pelas ligações que não poderá deixar de estabelecer com os outros senhores. [...] (GRAMSCI, 1982, p. 13).

O intelectual formado no Lyceu pertencia a famílias que fizeram parte do sistema clientelista em Goyaz, exercendo cargos públicos de confiança, ocupando cargos eletivos no poder público, ocupando de forma geral situações de poder na capital goiana e no interior do estado de forma estratégica para a manutenção do sistema coronelístico, que dava poderes para um grupo específico.

As famílias encontradas no Lyceu de Goyaz, a partir da análise das fichas de matrícula dos alunos do Lyceu de 1906 a 1930 são representadas por quatorze sobrenomes importantes e que estiveram sempre presentes como protagonistas no estado. Esses sobrenomes são: Albernaz, Alencastro, Almeida, Alves, Azeredo, Azevedo, Bastos, Berquó, Brom, Caiado, Camargo, Castro, Cornelio, Couto, Curado, Espírito Santo, Fleury, Jardim, Jayme, Jubé, Ludovico, Peclat, Ramos, Sant'Anna, Senna, Serradourada, Taveira, Teixeira, Veiga, Velasco, Xavier. Não foram elencados os outros sobrenomes que apareceram nas fichas de matrícula de forma nominal, porém, numericamente podemos observar a presença dessas famílias no Lyceu de Goyaz.

Analisando os 876 alunos do Lyceu de Goyaz matriculados no primeiro ano do ensino secundário de 1906 a 1930, pudemos determinar que 359 eram filhos de famílias com os sobrenomes apresentados e 517 dos alunos não tinham sobrenomes dessas famílias, mas apresentavam relação direta com alguma delas, seja por parentesco direto ou por clientelismo constatado na literatura sobre a história de Goiás.

Concluimos com esta breve apresentação de dados que podemos afirmar que a

relação entre o intelectual orgânico e o sistema de clientelismo estava presente de forma clara no Lyceu de Goyaz, quando percebemos que todos os alunos do Lyceu fizeram parte da elite goiana, mesmo não sendo pertencentes à elite econômica, pois, se tornaram intelectuais formados pela educação secundária, mantida pelo Estado de Goyaz que se organizava como um estado coronelístico em que as relações de clientela estiveram marcadamente presentes em todas as instituições públicas e sobretudo na educação secundária no Lyceu de Goyaz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a Organização da Cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: 1982. p. 9.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA JUNIOR, Zenildo Soares de. **As elites em consenso: o clientelismo como fundamento do sistema político brasileiro**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais, São Paulo, 2008, 142f. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4005> Acesso em: 13 jun. 2021.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, Autores Associados, jan./abr., n. 16. 2008. p. 63-86.